

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade 2



Atena
Editora
Ano 2021

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade 2



Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memória, cultura e sociedade 2 / Organizadores Joaquim dos Santos, José Italo Bezerra Viana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-587-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.874211810>

1. Cultura. 2. Memória. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Viana, José Italo Bezerra (Organizador). III. Título.

CDD 306.098

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O volume 2 da obra que coaduna as reflexões sobre *Memória, Cultura e Sociedade* traz uma contribuição significativa para repensarmos as lentes que culturalmente nos possibilitam ler o mundo e agir sobre ele a fim de transformá-lo. De caráter interdisciplinar, o livro congrega pesquisadores brasileiros e estrangeiros que discorreram sobre objetos de pesquisa tocantes os trabalhos da memória e suas teias culturais e sociais. Nesse sentido, esta obra traz reflexões sobre cotidiano, subjetividades e relações de poder entre sujeitos e memórias, afirmação de bens culturais como patrimônios, assim como seus usos e desusos entre permanências e reinvenções de tradições, além das relações de trabalho e turismo na contemporaneidade.

Pesquisas variadas e de temáticas abrangentes, como aspectos histórico-sociais do Brasil da segunda metade do século XIX e da primeira metade do XX, ou mesmo temas com recortes nas práticas culturais da atualidade, a exemplo das festas e quadrilhas juninas, formam um mosaico importante que revela a densidade e fecundidade da tríade que intitula esta obra.

As reflexões sobre cotidiano e arte, mediante as operações das fotografias, e as presenças do corpo e dos gestos nas danças demonstram tessituras da memória afetiva e seus laços de pertencimento cultural e social. Com a mesma relevância, os saberes e as práticas culturais dos quilombos nos faz lembrar a força vital que brota da terra, a importância de escutar os mais velhos e seguir seus ensinamentos, os entrelaçamentos do passado com o presente e as artes indissociáveis da vida na contemporaneidade com os saberes e as memórias ancestrais.

Se o universo onírico da infância aparece nas imagens fotográficas, as tensões sobre infância e violência também foram aprofundadas, descortinando uma pertinente relação entre violência sexual e os quadros sociais da memória. Tal como cultura e memória, a violência também é uma faceta da nossa sociedade. Enfrentar as diferentes formas de violência, nesse caso contra crianças e adolescentes, é uma tarefa indispensável do nosso tempo.

Por fim, uma análise sobre a relação e os impactos entre trabalho e estresse laboral arremata esta obra que desejamos seja leitura prazerosa e mobilizadora.


Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A HISTÓRIA SOCIAL DO BRASIL NO PERÍODO DE 1890 ATÉ 1930: CONDIÇÕES HISTÓRICO-SOCIOLÓGICAS QUE IRROMPERAM O MOVIMENTO ANISIANO


Rachel Aguiar Estevam do Carmo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118101>

CAPÍTULO 2..... 16

ÍNDIA, SANGUE TUPI: QUERELAS ENTRE BRASIS

Davi Ebenezer Ribeiro da Costa Teixeira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118102>

CAPÍTULO 3..... 29

OS SABERES E PRÁTICAS DE AUTOATENÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LARANJAL – MATO GROSSO

Gilian Evaristo França Silva

Nayara Marcellly Ferreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118103>

CAPÍTULO 4..... 38


QUADRILHAS JUNINAS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA MANTER A TRADIÇÃO

Jorginaldo Calazans dos Santos

Flaviano Oliveira Fonsêca

Tháís Danielle de Oliveira Nunes


Marília Gabriela Santos de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118104>

CAPÍTULO 5..... 46

CORPO E GESTUALIDADE NA APRESENTAÇÃO DA QUADRILHA JUNINA “MEU SERTÃO”– 2019

Wolney Nascimento Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118105>


CAPÍTULO 6..... 58

A NOVA FUNÇÃO E USO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO: O CASO DO NOVO USO DE PATRIMÔNIOS RELIGIOSOS

Luiz Fernando de Souza

Krysla Rodrigues Santos


Douglas Alvarenga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118106>

CAPÍTULO 7..... 70

RETRATOS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE A PATIR DA SÉRIE FOTOGRÁFICA DE ALESSANDRA SANGUINETTI

Viviane Baschiroto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118107>

CAPÍTULO 8..... 84

MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA E A REVELAÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL
INTRAFAMILIAR: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES

Isabela Alves Mattos

Elton Moreira Quadros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118108>

CAPÍTULO 9..... 95

ESTRÉS LABORAL Y RENDIMIENTO LABORAL DE LOS TRABAJADORES EN
ENTIDADES FINANCIERAS


Edy Larico Mamani

Demetrio Flavio Machaca Huancollo

Leopoldo Wenceslao Condori Cari

Robbins Flores Aguilar

Kelly Apaza Apaza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118109>

SOBRE OS ORGANIZADORES 110

ÍNDICE REMISSIVO..... 111

CAPÍTULO 8

MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA E A REVELAÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL INTRAFAMILIAR: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES

Data de aceite: 01/10/2021

Isabela Alves Mattos

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Memória Linguagem e Sociedade (PPGMLS), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
<http://lattes.cnpq.br/7584882365350886>

Elton Moreira Quadros

Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (UESB). Professor do quadro permanente Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

RESUMO: Neste ensaio buscamos refletir sobre as aproximações entre a noção dos marcos sociais da memória e a revelação da criança nos casos de abuso sexual infantil intrafamiliar. Halbwachs delineou dimensões sociais e coletivas da memória individual, trazendo uma abordagem inovadora que favoreceu uma mudança de paradigma na concepção até então dominante da disciplina. Para Halbwachs a memória não será fruto dos indivíduos isoladamente, mas dos marcos presentes em uma sociedade e dos lugares ocupados pelos sujeitos nos grupos sociais. Nos abusos sexuais intrafamiliares, a criança, que não possui a compreensão dos atos que está envolvida, é utilizada pelo agressor para obter a sua satisfação sexual. Assim, percebemos

que os marcos sociais existentes na família são importantes para a revelação do abuso sexual intrafamiliar. O reconhecimento dos membros não agressores pode favorecer a revelação do abuso. Ao passo que, a negação da violência pelo núcleo familiar poderá contribuir para uma ausência de ancoragem da memória individual da criança, o que acabaria por favorecer a sua negação ou retração. Outro fator que ainda poderá dificultar a revelação é a prevalência do marco social da família para a criança.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Abuso sexual. Criança.

SOCIAL MARKS OF MEMORY AND THE DISCLOSURE OF INTRAFAMILY CHILD SEXUAL ABUSE: POSSIBLE APPROACHES

ABSTRACT: In this essay, we seek to reflect on the approximations between the notion of social milestones of memory and the child's disclosure in cases of intrafamily child sexual abuse. Halbwachs outlined social and collective dimensions of individual memory, bringing an innovative approach that favored a paradigm shift in the previously dominant conception of the discipline. For Halbwachs, memory will not be the result of individuals alone, but of the marks present in a society and the places occupied by subjects in social groups. In intrafamily sexual abuse, the child, who does not understand the acts involved, is used by the aggressor to obtain sexual satisfaction. Thus, we realize that the social frameworks existing in the family are important for the disclosure of intrafamily sexual

abuse. Recognition of non-aggressor members can favor the disclosure of abuse. On the other hand, the denial of violence by the family nucleus may contribute to an absence of anchoring in the child's individual memory, which would end up favoring its denial or retraction. Another factor that may still make disclosure difficult is the prevalence of the social framework of the family for the child.

KEYWORDS: Memory. Sexual abuse. Child.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A memória, que a partir de conceituações usuais, é compreendida enquanto a faculdade destinada à conservação de informações, anamneses de eventos passados que surgem no pensamento dos indivíduos no momento presente, é uma temática que se fez presente em reflexões de grandes pensadores desde a Antiguidade com a filosofia de Platão e Aristóteles. Trata-se de um campo do saber que foi se delimitando ao longo da história e que se apresenta sob diversas perspectivas.

O presente ensaio tem por objetivo refletir sobre as aproximações entre a noção dos marcos sociais da memória e a revelação da criança nos casos de abuso sexual infantil intrafamiliar. Cumpre destacar em linhas de considerações iniciais, que esta não é uma preocupação da obra de Maurice Halbwachs, que não considera em sua tese as questões relativas à subjetividade.

Maurice Halbwachs (1877-1945) é um autor que desenvolve suas principais obras entre as décadas de 20 e 40 do século passado, tendo inovado à sua época ao erigir os estudos sobre a memória no campo das ciências sociais, tema que até então estava restrito ao campo da individualidade e ligada a áreas como a psicologia e literatura.

O pioneirismo dos trabalhos de Halbwachs se devem a inserção do fator social ao estudo das recordações, rompendo com o preceito existente de que o indivíduo seria o grande responsável no resgate do seu passado. Considera o filósofo, que o ser humano é o resultado das interações sociais que vivencia, fator que faz com que a nossa memória individual esteja ancorada em marcos sociais.

Com base na construção da tese dos marcos sociais da memória proposto por Halbwachs questionamos: são possíveis as aproximações entre a noção dos marcos sociais da memória e a revelação dos casos de abuso sexual infantil intrafamiliar pelas crianças vítimas da violência?

A partir do questionamento, o trabalho é desenvolvido buscando primeiramente traçar alguns apontamentos sobre os marcos sociais da memória. Estes são propostos por Halbwachs como os grupos de referência no qual o indivíduo encontra-se ou já esteve inserido, que irão ancorar as reconstruções do passado no presente, por meio de um esforço inteligível.

Posteriormente, abordamos o conceito do abuso sexual infantil, as possibilidades de ocorrência no ambiente intra e extrafamiliar, as consequências de ordem psicológica que

poderão ser desencadeadas nas suas vítimas, bem como, algumas questões apontadas pela literatura especializada sobre a revelação da violência pela criança.

Por fim, buscou-se traçar aproximações entre os marcos sociais da memória e a revelação do abuso sexual infantil intrafamiliar.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 Os Marcos Sociais da Memória

Os marcos sociais podem ser compreendidos como um conjunto de referências externas aos indivíduos, que possibilitam a estes reconstruir as suas recordações. Os marcos são propostos por Halbwachs como um sistema que envolve “o individual, o coletivo, o conjunto das pessoas próximas, o meio material e os costumes” (MELO, 2010, p. 28), que viriam até as pessoas todas as vezes que intentassem recuperar algum acontecimento passado.

Maurice Halbwachs sustenta em sua tese que as recordações são frutos de um esforço inteligível e que se constituem a partir de um conjunto de relações das mais diversas naturezas, que são travadas pelos indivíduos no convívio social. Para o filósofo essas relações acabam por marcar a nossa memória, que estará sempre permeada por marcos de referência. Eis suas palavras:

La memoria individual no es más que una parte y un aspecto de la memoria de grupo, como de toda impresión y de todo hecho, inclusive em lo que es aparentemente más íntimo, se conserva un recuerdo duradero en la medida em que se há reflexionado sobre ello, es decir, se le ha vinculado com los pensamientos provenientes del medio social” (HALBWACHS, [1925] 2004, p. 174).

Halbwachs identifica que juntamente com a memória coletiva, há a memória individual, mas assinala que no esforço de recordação, faz-se importante que esta esteja em consonância com a memória dos outros membros do grupo. O autor aponta que é necessário que as lembranças individuais sejam reconhecidas pelos membros do grupo, que possuirão papel essencial para a atualização destas.

Para Halbwachs a memória não é estável, consistindo na reconstrução dos eventos à luz do presente, o que faz com que ela tenha um caráter aproximado dos fatos, não sendo possível conceber-la tal qual aquilo que foi no passado. Esta forma de propor a memória marca um dos afastamentos entre as teses de Halbwachs e do seu professor Bergson.

O autor Henri Bergson concebe a memória a partir do ser do passado, atribuindo a esta uma coexistência virtual, o que faria com que as lembranças se conservassem no tempo. Esse modo de perceber a memória se fundamenta na concepção do filósofo que o passado está em uma relação de coexistência com o presente, assim, estaria a memória marcada por um acúmulo que possibilitaria a evocação de recordações puras.

[...] ela reencontra esses esforços passados, não em imagens-lembranças que os recordam, mas na ordem rigorosa e no caráter sistemático com que os movimentos atuais se efetuam. A bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente (BERGSON, [1896] 1999, p. 89).

Em sentido diametralmente oposto, para Halbwachs o passado não é revivido, mas sim reconstruído. Assim, a memória será cunhada a partir de um processo de reconstrução, reflexão e reconstituição do passado, estando essa rememoração permeada pelos princípios dos marcos da memória, que imprimem a nossa visão de mundo em consonância com pensamento predominante na sociedade do nosso tempo. No sentido dessa construção, Halbwachs define que:

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo o lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, [1950] 2003, p. 69).

A forma de conceber a memória proposta por Halbwachs conduz a compreensão de que as mudanças de marcos da memória levarão a uma modificação das recordações dos indivíduos, uma vez que os marcos são referências externas.

Portanto, as nossas memórias serão edificadas enquanto parte de grupos sociais determinados, utilizando das convenções sociais que estão disponíveis a nós. Este fator faz com que os indivíduos não recordem por si próprios, ou seja, para lembrarmos, necessitamos da lembrança dos outros membros do grupo, que irão confirmar ou negar essas lembranças localizadas em determinado tempo e espaço.

Tomando por base a construção da tese sobre os marcos da memória proposta por Halbwachs, reitera-se o questionamento do presente ensaio. São possíveis as aproximações entre a noção dos marcos sociais da memória e a revelação dos casos de abuso sexual infantil intrafamiliar pelas crianças vítimas da violência?

Para tanto, cumpre traçarmos algumas notas sobre a prática do abuso sexual infantil intrafamiliar, bem como aos aspectos ligados à sua revelação ou negação.

2.2 O Abuso Sexual Infantil Intrafamiliar e a revelação da Violência

O abuso sexual infantil é uma espécie de violência sexual em que um adulto se aproveita de uma criança ou adolescente para atender o seu prazer sexual (LIMA; ALBERTO, 2015). O referido conceito não engloba situações em que estão presentes as relações de natureza mercantil, através da exploração sexual (VERAS, 2010).

Na relação compreendida enquanto abuso sexual as pessoas envolvidas não estão no mesmo estágio de desenvolvimento psicosssexual. Para tanto, o abusador utiliza-se de diversos artifícios para envolver a criança, que não possui capacidade e maturidade suficiente para entender a prática dos atos abusivos.

As ações que caracterizam o abuso sexual podem variar desde a manipulação da genitália, carícias, voyeurismo, exibicionismo, além do próprio ato sexual com ou sem penetração (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). No que concerne ao contexto da prática do abuso sexual, este poderá ocorrer tanto no ambiente familiar, como fora deste.

Entende-se por abuso sexual extrafamiliar os atos de caráter sexual que ocorrem fora do seio familiar, envolvendo na maioria das vezes pessoas desconhecidas das vítimas. Enquanto o abuso sexual intrafamiliar, trata-se de uma violência que ocorre dentro da própria família. Esta forma de abuso é perpetrada, em muitos dos casos, por pessoas próximas à criança e que deveriam exercer o papel de cuidador, utilizando-se o agressor da proximidade e do vínculo que possui (LIMA; ALBERTO, 2015).

A prática do abuso sexual contra crianças, especialmente a perpetrada no ambiente familiar, consiste em um dos males da sociedade contemporânea. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a sua incidência como um grave problema de saúde pública e fator de morbimortalidade de crianças e adolescentes (SALVAGNI; WAGNER, 2006).

Diversos estudos comprovam as graves implicações desencadeadas com a prática do abuso sexual envolvendo crianças e adolescentes, dentre eles, a ocorrência de problemas de ordem social, emocional e cognitivo que podem se manifestar a curto ou longo prazo nas vítimas, acarretando prejuízos que podem durar até a vida adulta (LIRA, et. al., 2017). Dentre as possíveis consequências provocadas destacam-se sintomas como: ansiedade, depressão, raiva, estresse pós-traumático e comportamentos sexuais (SCHAEFER, et. al., 2018).

Furniss (1993) elucida que as consequências psicológicas provocadas na criança em razão do abuso sexual encontram-se relacionadas a sete fatores, quais sejam: idade do início do abuso; a duração do abuso; grau de violência ou ameaça de violência; a diferença de idade entre a pessoa que cometeu o abuso e a criança que sofreu o abuso; quão estreitamente estavam relacionadas à pessoa que cometeu o abuso e a criança; a ausência de figuras parentais protetoras; grau do segredo.

Os estudos especializados assinalam que as crianças do sexo feminino são as vítimas mais atingidas com a prática do abuso sexual, elemento observado nos abusos intra e extrafamiliares. Nesse sentido, convergem as informações divulgadas pela Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH) em maio de 2020, a saber: no ano de 2019 foram contabilizadas 17.029 denúncias relativas à violência sexual contra crianças e adolescentes. Conforme os dados divulgados, as ocorrências de violência sexual atingem 82% de vítimas do sexo feminino. Sendo perpetradas por pessoas próximas e prevalentemente do sexo masculino, tais como pais, padrastos, tios.

O abuso sexual intrafamiliar é uma trama que envolve complexas relações que podem dificultar a percepção da sua ocorrência ou até mesmo o reconhecimento pelos demais membros da família, tais como mãe e irmãos. O grau de proximidade entre a vítima e o agressor é um fator que favorece as estratégias de barganha e ameaças que ajudam a manter o segredo (BAÍÁ, et. al., 2013). Outros fatores, como a vergonha, a responsabilização, sentimento de lealdade, a falta de informação, além da dificuldade em compreender a violência sofrida acabam por dificultar a revelação (SANTOS; DELL' AGLIO, 2010).

Ao levarmos em consideração os indicadores estatísticos e pesquisas que apontam os pais e padrastos como os grandes perpetradores do abuso sexual intrafamiliar, temos uma circunstância que coloca a mãe enquanto uma pessoa no qual a situação de violência é revelada. Nesse contexto, as reações maternas não se mostram uniformes, podendo muitas delas iniciarem um processo de negação da violência sofrida pela filha (o) (LIMA; ALBERTO, 2012), fator que favorecerá a negação da criança vítima da violência.

Assim, a tentativa da criança para falar sobre o abuso sexual poderá se estender por um longo período, envolvendo quase sempre negações e retratações das vítimas (BAÍÁ, et. al., 2013). A negação ocorre quando a criança declara a inexistência dos abusos, apesar de existirem evidências da sua prática.

Já na retratação, a vítima inicialmente declara ter sofrido a violência, mas posteriormente nega o seu relato. A literatura destaca fatores que poderão favorecer a retratação da vítima, sendo eles, o vínculo entre a vítima e o agressor, a dependência econômica da família, bem como a atitude de descrença da pessoa para quem o abuso foi revelado (BAÍÁ, et. al., 2013).

2.3 Aproximações entre os Marcos Sociais e a dificuldade de revelação dos Abusos Sexuais por crianças

Conforme desenvolvido em linhas anteriores, para Halbwachs, a memória consiste em um trabalho do indivíduo que terá sempre o seu o processo de reconstrução no presente. Para o autor, a edificação da memória se perfaz por meio da utilização das convenções sociais que estão disponíveis para nós. Assim, não nos recordaríamos por si próprios, mas com o auxílio dos outros membros do grupo, que irão confirmar ou negar essas lembranças localizadas em determinado tempo e espaço.

Aquele que relembra um tombo ocorrido na infância, por exemplo, ainda que não tenha tido testemunhas, e que pense ser esta uma lembrança exclusivamente sua, tem associado a esta lembrança o lugar do presente de onde ele se lembra, como também os antecedentes, os relatos posteriores, a reação de outros — real e imaginária —, enfim, uma série de situações a partir das quais o tombo foi construído e reconstruído. A lembrança é resultado do convívio do indivíduo com outros indivíduos. Esta rede de relações e interações está presente na memória que cada um guarda como “exclusivamente” íntima e pessoal (SANTOS, 1998, p. 5).

Portanto, para Halbwachs não existiria a possibilidade da memória sem os quadros utilizados pelos indivíduos que convivem em sociedade para recuperar suas recordações. “É impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza à essa reconstrução que chamamos memória” (DUVIGNAUD, 2003, p. 7-8), noção que, conforme o exemplo citado acima, deverá ser aplicada ainda que se trate de uma criança no seu exercício de recordação.

Halbwachs sustenta que a memória se ampara em relações sociais (quadros sociais), tais como, familiares, religiosas, escolares, e nos fatores sociais e políticos, dentre outras. Estando ainda lastreada em marcos espaciais (locais) e temporais (datas e acontecimentos).

Para o autor, a família é um espaço elementar para o processo de rememoração dos indivíduos que dela fazem parte. É a família o primeiro núcleo social no qual estamos imersos e que nos acompanhará durante a maior parte da nossa existência. Isso faz com que os pensamentos familiares se mesquem ao nosso.

O indivíduo não conhecerá nada do mundo exterior durante muito tempo, “son nuestros padres quienes nos comunicaron nuestras primeras nociones acerca de las gentes y las cosas” (HALBWACHS, [1925] 2004, p. 184). A família figura como o primeiro marco social para uma criança, que vivenciará por um período senão os acontecimentos externos que girem em torno dos pais.

Ao levarmos em consideração a importância da família na elaboração/construção da memória dos seus membros, chegamos ao elo de aproximação entre os marcos sociais da memória e a revelação dos abusos sexuais intrafamiliares por crianças.

Isso nos leva a pensar que, as reações dos membros da família, sobretudo a do adulto não agressor, mostram-se de extrema importância para a reconstrução das memórias das vítimas da violência intrafamiliar, uma vez que a memória será “adquirida à medida que o indivíduo toma como sua as lembranças do grupo com o qual se relaciona: há um processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo em interação com outros indivíduos” (SANTOS, 1998, p. 4).

Como o marco social desempenha, em certa medida, a função de ordenar as lembranças, assim, a negação ou a descrença ao relato da violência pelos membros da família, será um fator que poderá contribuir para a ausência de um suporte para a memória individual da criança. Essa circunstância poderá favorecer com que a vítima se sinta confusa com relação aos acontecimentos. Tal ocorreria porque “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, [1950] 2003, p. 69), portanto, estaria a criança mais suscetível a retratar a violência sofrida ou a não revelar para outros.

Nesses casos nos quais a negação familiar está configurada, a criança figurará duplamente como vítima, tanto do abuso sexual, como da incredulidade do grupo, ocorrência que favorece que a criança desenvolva mecanismos de adaptação à situação. “Daí muitas vezes, a confusão que causa ao desmentir a queixa que havia feito, acabando por reforçar

os adultos em seus preconceitos” (AZEVEDO, 2001, p. 72).

Em sentido oposto, o reconhecimento da violência, pelo adulto não agressor ou pelos demais membros da família, favoreceria a ancoragem da memória individual da criança, ao tomar as suas lembranças a partir do grupo familiar. Nesse aspecto, o adulto não agressor – que em número considerável são as mães – são identificadas como as primeiras pessoas a tomarem conhecimento dos abusos (SANTOS; DELL’AGLIO, 2009), uma vez que estas encontram-se inseridas no contexto familiar de violência.

Jaqueline Soares Magalhães, psicóloga consultora da Childhood Brasil, destaca que é comum que a criança não perceba os abusos sexuais como violência, nesses casos, a vítima compreenderá as ocorrências como uma forma de carinho do agressor. “É possível que só compreenda quando a denúncia acontecer, por parte de outra pessoa que irá explicar à criança que aquilo era errado” (2011, s.p). Este reconhecimento do adulto não agressor propiciaria a revelação da vítima, na medida restariam estabelecidos marcos para a sua memória.

Outro elemento que se agrega aos anteriores na colaboração do silenciamento da violência pelas vítimas da primeira infância, é a inexistência de outros marcos sociais, tais como a escola e a religião. Sobre tal aspecto, Halbwachs destaca que “a sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos [...]” (HALBWACHS, [1950] 2003, p.69).

A ausência de outros marcos sociais pode favorecer com que as crianças não compreendam a situação que vivencia e “sem saber o que fazer e sem entender o que de fato está lhe acontecendo, o pequenino adapta-se” (AZEVEDO, 2001, p. 72). Assim, o fato de estarem aportadas prevalentemente no marco familiar acarretaria uma falta de ancoragem para a (re) construção da memória da violência sofrida.

Desta forma, não seria possível pensar em uma memória individual pura, mas somente naquela referenciada pelos quadros, sendo a memória regulada pela consciência coletiva. Circunstâncias que justificariam o relato das vítimas após a adolescência ou a vida adulta, momento em que estarão erguidos outros marcos sociais, que possibilitam a reconstrução da memória da violência por elas sofridas.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar possíveis aproximações entre a noção dos Marcos Sociais da Memória, desenvolvida por Maurice Halbwachs e a revelação dos casos de abuso sexual infantil intrafamiliar por suas vítimas.

Do inicial contato com a obra do autor Maurice Halbwachs (ano, ano), foi possível perceber a inovação da tese desenvolvida pelo autor. Ao romper com os preceitos existentes até o momento, Halbwachs propõe que a memória é um processo que estará será cunhado

a partir de marcos sociais.

Apesar de reconhecer que aqueles que lembram são os indivíduos, Halbwachs considera que estes revisam lembranças fragmentadas no presente, de acordo com narrativas que são consolidadas pelo grupo. A memória foi pensada por Halbwachs enquanto uma reconstrução do passado no presente.

O recorte temático voltado para os abusos sexuais infantis de natureza intrafamiliar, nos levou a refletir sobre a aproximação entre a revelação dos abusos sexuais intrafamiliares e a noção dos marcos sociais, uma vez que “Halbwachs enfatizou a importância dos quadros sociais da memória no processo de lembranças e esquecimentos” (SANTOS, 1998, p. 6).

Primeiramente percebemos que os marcos sociais existentes na família são importantes para a revelação do abuso sexual intrafamiliar, sobretudo ao considerarmos que este será por um certo período da infância a única referência que a criança possuirá.

A relevância que o marco social familiar possui no contexto da revelação do abuso sexual intrafamiliar pela vítima, estará ligada a reação dos demais membros da família, sobretudo a do adulto não agressor, que preponderantemente está situada na pessoa da mãe da vítima.

Deste modo, a negação da violência pelo núcleo familiar poderá contribuir para uma ausência de ancoragem da memória individual da criança, o que acabaria por favorecer a sua negação ou até mesmo a retratação da violência sofrida. Ao passo que, o reconhecimento dos membros não agressores pode favorecer a revelação do abuso, na medida em que a essa (re) construção da memória pela criança estaria amparada.

Do mesmo modo, destacamos que a ausência de outros marcos sociais, como a escola e a religião, pode favorecer com que as crianças não compreendam a situação que vivencia, sobretudo quando a família é conivente com a prática dos abusos.

O fato de não possuírem marcos externos ao familiar dificultaria a compreensão do caráter violento que é experienciado. Assim, não seria possível pensar em uma memória individual pura, mas somente naquela referenciada pelos quadros, sendo a memória regulada pela consciência coletiva.

REFERÊNCIAS

APFELBAUM, Erika. **Halbwachs and the Social Properties of Memory**. In: *Memory Histories, Theories, Debates*: Editores: Susannah Radstone e Bill Schwarz. Fordham University. 2010. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt1c999bq.9>. Acesso em 23 de nov. 2020.

AZEVEDO, Elaine Christovam de. Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 21, n. 4, p. 66-77, Dec. 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000400008&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Dec. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000400008>.

BAIA, Pedro Augusto Dias et al. Caracterização da revelação do abuso sexual de crianças e adolescentes: negação, retratação e fatores associados. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 1, p. 193-202, jun. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000100014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.1-14>.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Edição original 1896.

CORDEIRO, V. D. Influências de **Émile** Durkheim e Henri Bergson nas tensões teóricas da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs. **Primeiros Estudos**, [S. l.], n. 4, p. 101-111, 2013. DOI: 10.11606/issn.2237-2423.v0i4p101-111. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosestudos/article/view/56729>. Acesso em: 29 nov. 2020.

FURNISS, T. **Abuso sexual da criança**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HABIGZANG, Luísa F. et al. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 341-348, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000300011&lng=en&nrm=iso>. access on 05 Dec. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000300011>.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Ed. Centauro, 2003. Edição original: 1950.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona, Antropos, 2004. Edição original: 1925.

LIMA, Joana Azevêdo; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. O Olhar de Mães acerca do Abuso Sexual Intrafamiliar Sofrido por suas Filhas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 35, n. 4, p. 1157-1170, dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000401157&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 nov. 2020.

LIMA, Joana Azevêdo; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. Abuso sexual intrafamiliar: as mães diante da vitimação das filhas. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 412-420, Aug. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200019&lng=en&nrm=iso>. access on 05 Dec. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000200019>.

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho e et al. ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E SUAS REPERCUSSÕES NA VIDA ADULTA. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e0080016, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000300320&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 nov. 2020.

MAGALHÃES, Jaqueline Soares. Confusão mental e sentimento de culpa são comuns em vítimas de abuso sexual. *Childhood Brasil*. Publicada em 13/06/2011. Disponível em: <https://www.childhood.org.br/confusao-mental-e-sentimento-de-culpa-sao-comuns-em-vitimas-de-abuso-sexual>. Acesso em 01. dez. 2020.

MEDEIROS, Ana Paula. O abuso sexual infantil e a comunicação terapêutica: um estudo de caso. **Pensando Fam.**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 54-62, jul. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 dez. 2020.

MELO, Danilo Augusto Santos. **Memória social e criação**: uma abordagem para além do modelo da representação. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

NAMER, Gérard. **Posfácio. In: Os marcos sociais da memória**. Universidade Central da Venezuela, 2004.

PFEIFFER, Luci; SALVAGNI, Edila Pizzato. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **J. Pediatr.** (Rio J.), Porto Alegre, v. 81, n. 5, supl. p. s197-s204, Nov. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700010&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Dec. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700010>.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 38, p., Oct. 1998. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300010&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Dec. 2020.

SANTOS, Samara Silva dos; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 328-335, Aug. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000200013&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Dec. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822010000200013>.

SANTOS, Samara Silva dos; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Revelação do abuso sexual infantil: reações maternas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 85-92, Mar. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000100010&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Dec. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000100010>.

SALVAGNI, Edila Pizzato; WAGNER, Mário Bernardes. Estudo de caso-controle para desenvolver e estimar a validade discriminante de um questionário de avaliação de abuso sexual em crianças. **J. Pediatr.** (Rio J.), Porto Alegre, v. 82, n. 6, p. 431-436, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572006000800007&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Dec. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572006000800007>.

SCHAEFER, Luiziana Souto et al. Indicadores Psicológicos e Comportamentais na Perícia do Abuso Sexual Infantil. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1467-1482, set. 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2358-18832018000301467&lng=pt&nrm=iso. acessos em 01 nov. 2020.

VERAS, T. O Sistema Nacional de Combate ao Abuso e a Exploração Sexual Infanto-juvenil e o Plano Nacional: um exemplo de política pública aplicada. **Cad. EBAPE**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, set. 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual 6, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94
Alessandra Sanguinetti 5, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82
Ambiente de trabalho 96
Autoatenção 5, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 37

C

Ciclo junino 41, 42, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 55, 57
Condições de trabalho 96
Conservação 58, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 85
Corpo 4, 5, 25, 26, 33, 34, 35, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 93
Criança 35, 50, 72, 79, 80, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93
Cultura 2, 4, 17, 22, 23, 27, 31, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 48, 52, 56, 57, 60, 61, 62, 64, 98, 108

E

Ensino superior 1, 2, 8, 9, 10, 11, 13, 15
Exigências do trabalho 96

F

Fotografia 70, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 82

H

Hegemonia burguesa 1

I

Identidade 1, 2, 14, 18, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 38, 39, 40, 44, 46, 47, 54, 55, 57, 58, 59, 67, 68, 77
Infância 4, 5, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 82, 89, 91, 92, 93, 94

L

Lady Clementina Hawarden 70, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83

M

Mato Grosso 5, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36
Memória 2, 4, 6, 16, 17, 20, 22, 23, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 48, 54, 56, 58, 60, 64, 65, 66, 69, 78, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 110

Modernidade líquida 16, 17, 19, 20, 25, 26, 27

Música 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 41, 48, 51, 55

N

Nova função 5, 58

Novo uso 5, 58

O

Ordem social competitiva 1, 13

P

Padrão compósito 1

Patrimônio 5, 40, 41, 44, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 110

Política oligárquica 1, 8, 13

Práticas 4, 5, 17, 18, 19, 23, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 39, 41, 46, 47, 54

Q

Quadrilha junina meu sertão 46, 51, 52, 54

Quadrilhas juninas 4, 5, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 54, 56

Quilombo de Laranjal 29

R

Responsabilidade 96

Roni Horn 70, 77, 78, 79, 80, 82

S

Saberes 4, 5, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37

Sobrecarga de trabalho 96

T

Tradição 5, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 34, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 56

Turismo 4, 38, 42, 44, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 110

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade 2



 **Atena**
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade 2



 **Atena**
Editora

Ano 2021